

“*Black Mirror*” e “*The Handmaid’s Tale*”: Um estudo comparado sobre a construção de narrativas distópicas nas séries de TV¹

Luiz Siqueira²

Resumo

O presente estudo objetiva a uma análise comparada entre as séries de TV *Black Mirror*, exibida originalmente em 2011 pela emissora britânica *Channel 4* e disponível atualmente pela *Netflix* e *The Handmaid’s Tale*, produzida e exibida pelo canal de *streaming Hulu*. A categorização para ambas as séries de TV em distópicas, tendo-se em vista suas naturezas narrativas tão diferentes, uma vez que *Black Mirror* problematiza de maneira crítica a forte presença da midiaticização na experiência e relações humanas e *The Handmaid’s Tale* narra um país reinventado sob um governo teocrático, no qual as mulheres foram destituídas de seus direitos, é ponto de partida para este estudo que assim, através de uma perspectiva narratológica, tem por intenção refletir sobre o modo pelo qual se dá a construção da uma narrativa distópica nessas séries de TV. Nesse sentido, ainda que *Black Mirror* recorra em seu universo diegético a dispositivos de uma tecnologia avançada, o que permite a validade crítica a que a série se propõe é o reconhecimento por parte do espectador de que tal representação não se encontra distante da realidade. Em *The Handmaid’s Tale*, citações a aplicativos de transporte e redes sociais como marcas do passado das personagens, situam o reconhecimento do espectador de tal modo que as referências à série têm sido comuns em manifestações contrárias à era Trump nos EUA. Tais reconhecimentos reforçam por vias diferentes, mas em sentidos convergentes, o caráter distópico das narrativas.

Palavras-chave

Séries de TV, Narrativas Distópicas, *Black Mirror*, *The Handmaid’s Tale*

Introdução

Em artigo do *New York Times* veiculado em abril de 2017 e intitulado “*‘The Handmaid’s Tale’: A Newly Resonant Dystopia Comes to TV*”³, Katrina Onstad já caracterizava a repercussão que a série de TV adquiriria ao adjetivá-la de ressonante. Segundo a autora, antes mesmo da estreia, manifestações que percorriam os Estados Unidos já adotavam a série com referências em cartazes, através da *hashtag* #Gilead e por meio do uso das longas mantas vermelhas que cobrem todo o corpo e de uma boina branca na cabeça, vestimenta que seria comum para as personagens nos episódios da série. Para James Poniewozik, jornalista do mesmo veículo de comunicação, o cenário político da era Trump funciona como uma espécie marketing viral para a série.

Exibida originalmente em 2017, “*The Handmaid’s Tale*” é baseada no romance homônimo, traduzido no Brasil por “O conto da aia”⁴, de Margaret Atwood. Produzida e transmitida pelo canal de *streaming Hulu*, a série se passa em *Gilead*, um país reinventado sob um governo totalitário e teocrático, no qual as mulheres foram destituídas de seus direitos e redirecionadas, assim como os homens, a ocuparem lugares específicos na sociedade. As ainda férteis, uma vez que a infertilidade assola a humanidade,

são levadas a um centro de treinamento, de onde serão conduzidas para famílias selecionadas, nas quais terão a função de gerar seus filhos.

Na contramão de séries também distópicas, “*The Handmaid’s Tale*” não faz uso de tecnologias avançadas para criar um ambiente distópico, a exemplo de “*Black Mirror*”, sua contemporânea. Nesta, uma antologia que apresenta episódios independentes narrativamente, lançada em 2011 pela emissora britânica *Channel 4* e disponível atualmente pela *Netflix*, os episódios possuem um fio temático condutor em comum, a espetacularização do uso da tecnologia na sociedade contemporânea.

Dessa forma, o presente estudo as analisa comparativamente, a partir de uma perspectiva narrativa, que se atém às ações e aos discursos dos personagens, no sentido de compreender características que as aproximam narrativamente de modo que sejam classificadas constantemente por meios de comunicação como distópicas.

Literatura, História e Distopia

Na literatura, considera-se “1984”, de George Orwell, ao lado de “Admirável mundo novo”, de Aldous Huxley, como obras fundadoras da distopia. O romance de Orwell, publicado em 1949, narra o processo de questionamento de Winston Smith acerca da sociedade em que vive. Funcionário do Ministério da Verdade na Oceania, Winston, como os demais indivíduos do país, vive com a supervisão do “Grande irmão” sob um regime totalitário do qual ninguém escapa à vigilância e à punição.

Anterior à obra orwelliana, “Admirável mundo novo”, publicado em 1932, narra a insatisfação com que vive Bernard Marx em um mundo dominado pela engenharia genética como modo de reprodução humana, no qual o personagem se sente deslocado ao

não se reconhecer como igual aos demais membros de sua casta.

Ao analisar “*The Machine Stops*”, de E. M. Foster, Moraes (2012) elucida duas noções que considera centrais para a interpretação de textos de ficção científica, perceptíveis tanto em “1984” quanto em “Admirável mundo novo”, a saber: o estranhamento cognitivo e o *novum*. O autor explica que a presença na narrativa de um objeto estranho ou de aspectos da realidade empírica do leitor sob uma nova perspectiva que os torna estranhos, faz surgir uma curiosidade pelo desconhecido e assim, uma agitação pela aventura que tem uma finalidade cognitiva. O *novum*, de acordo com Moraes (2012), opera nos textos de ficção científica de modo a alterar o mundo ficcional em relação ao mundo em que vivemos, “por meio de uma inovação científica ou tecnológica, que causa transformações importantes em todos os âmbitos da vida humana” (2012, p. 250).

Quando se trata de uma distopia, Moraes (2012) ressalta que o *novum* opera negativamente, transformando o mundo mecanizado e dependente científica e tecnologicamente. Essa perspectiva negativa a partir do presente que acontece na distopia é também por Berriel (2005) destacada em seu estudo sobre Distopia e História. Para este, as distopias se desenvolvem em um processo paralelo ao histórico, ampliando as tendências negativas observadas no presente.

Assim, à luz de tais pressupostos teóricos é que se analisa a seguir dois episódios das séries de TV “*Black Mirror*” e “*The Handmaid’s Tale*”.

“*Black Mirror*” e a tecnologia de um futuro próximo

Em “*The Entire History of you*”, terceiro episódio da primeira temporada de “*Black Mirror*”, ao entrar em um táxi após sair de uma entrevista de emprego,

o advogado Liam Foxwell aciona no painel que o separa do motorista, no banco de trás do carro, um monitor que imediatamente anuncia a disponibilidade de atualização do *Willow Grain*, com três décadas de *backup* de graça (Fig. 1). O anúncio explica que o procedimento granular é realizado com anestesia local e inserção de um dispositivo do tamanho de um grão na parte de trás da orelha, complementando com o que parece ser um *slogan* do produto, “*porque memória é para a vida*”.

Liam pressiona um utensílio do tamanho de um pen drive ao pegá-lo no bolso e vê, projetado no painel, um conjunto de imagens dispostas em círculo, selecionando a que corresponde ao momento em que ele esteve em entrevista, que é visualizado pelo telespectador em primeira pessoa, como se o mesmo tivesse acesso às memórias do personagem. A partir daí, toma-se conhecimento na narrativa de como esse dispositivo funciona, permitindo que Liam reveja sua entrevista, acelerando ou ampliando partes da mesma, o que ele faz para ter uma melhor noção de como se saiu e como os contratantes se portaram, e identificando-o ao passar pela segurança do aeroporto, compartilhando com os guardas em um monitor suas últimas 24 horas de memórias, registradas em áudio e vídeo como câmeras instaladas em suas córneas que ficam embranquecidas quando os próprios personagens acessam seus arquivos.



Figura 1: Liam acessa suas memórias em “*The Entire History of You*”. Fonte: Hulu.

Liam recorre ao Grão mais uma vez quando chega de viagem para encontrar a esposa, na casa de uma amiga. O acesso se dá para a memória na qual ele é apresentado à anfitriã, interrompido assim que relembra seu nome, Lucy. Ao encontrar a esposa conversando com Jonas, um amigo dela, Liam se mostra desconfiado de seu comportamento, o que explode ao chegarem em casa, confrontando a esposa a respeito de sua relação com Jonas.

Como é característico na maioria dos episódios de “*Black Mirror*”, o que revela seu potencial crítico, a tecnologia é antes causadora de problemas ou intensificadora de conflitos que uma promessa de solução ou melhorias, como se faz notar no episódio em questão, diante das sucessivas investidas de Liam em acessar e analisar cada um dos registros de suas memórias para desvendar a relação de sua esposa com Jonas, o que resulta na revelação de um caso extraconjugal.

O impasse que Liam vive, diante da traição da esposa e da possibilidade de acesso a todos os momentos com ela na casa, que podem ser assistidos, o que o personagem o faz para cada cômodo em que percorre, é solucionado pela decisão da retirada do implante, ao final do episódio.

Esse dispositivo tecnológico por meio do qual a narrativa de “*The Entire History of You*” é construída se assemelha de certo modo ao *Google Glass*, um aparelho desenvolvido pela *Google* consistindo em um óculos que permite ao usuário ver conteúdo na projeção de uma tela a sua frente. Embora o projeto, que é trabalhado pela empresa comercialmente desde 2013, ainda não se trate de um sucesso do grupo, o que interessa aos propósitos deste estudo é a sua possibilidade de existência.

Dessa forma, o Grão ilustra a noção de *novum* de Moraes (2012) ao se configurar narrativamente como a inovação tecnológica que causa transformações na vida humana em relação ao mundo do telespectador e na sua dependência tecnológica, ilustrada pelos personagens. O episódio também estabelece diálogo com a compreensão de distopia de Berriel (2005) por, de modo geral, problematizar a relação das pessoas com a tecnologia, levando-a a extremos de uma forma negativa e apresentando como solução a sua ausência.

“The Handmaid’s Tale” e o passado como presente

“Uma cadeira. Uma mesa. Uma lâmpada. Tem uma janela com cortinas brancas e o vidro é reforçado. Mas não é uma fuga que temem. Uma aia não iria longe. São essas outras fugas. Aquelas que pode abrir em si mesma se tiver como”, narra em *voiceover*, da janela de seu quarto, a personagem principal de “The Handmaid’s tale” no episódio piloto da série (Fig. 1), em cena seguinte à de uma perseguição que a mesma sofre com sua família e com a qual se inicia o episódio.

Ao narrar em *voiceover* o começo do episódio piloto, a personagem diz se chamar Offred e revela que tinha outro nome, que no momento é proibido. Até então, pouco se sabe sobre o que aconteceu e em que momento, passado ou futuro, a perseguição que abre o episódio ocorria. As respostas às perguntas que vão sendo formuladas aos poucos tornam-se conhecidas pela narração de Offred e por suas lembranças. Apenas ao final deste episódio, intitulado “Offred”, que ela revela seu nome de batismo, o que estabelece uma conexão com a cena de abertura, revelando-a naquele momento ser outra, diferente desta que narra.



Figura 2: Offred no quarto em que dorme, no episódio piloto de “The Handmaid’s Tale”. Fonte: Hulu

Tanto as memórias que são encaixadas ao longo do episódio, por meio de *flashbacks*, quanto a narração em *voiceover* são recursos narrativos apontados por Mittell (2006) e García (2016) como próprios de uma complexidade narrativa, em vigor segundo estes na contemporaneidade. Mittell (2006) a define, em seu nível elementar, como uma “redefinição das formas episódicas sob a influência da narração em série” (2006, p. 36). Como explicita García (2016), o uso do *efeito rashomon* e a presença de *flashforwards* também seriam marcas dessa complexidade.

A complexidade narrativa de “The Handmaid’s tale” nota-se a partir da estrutura com que a série narra os fatos ocorridos e que acabam culminando na configuração de mundo em que Offred se encontra inserida e que é tão confuso para ela quanto para o telespectador. Dessa forma, os episódios são construídos fazendo uso de uma linha temporal que se situa entre o passado e o presente, entre o mundo de antes e o mundo atual, de modo também, ou exclusivamente, a reafirmar suas diferenças, na medida em que nega o passado reafirmando o presente como única alternativa possível.

É por meio das lembranças da senhora Waterford que o sexto episódio, intitulado “A woman’s place” é desenvolvido, como se fosse uma história à

parte, por narrar a vida do casal Waterford no passado, mas também em conjunto com a narrativa principal, uma vez que os mesmos são responsáveis por sua configuração. Da mesma forma se desenvolve o oitavo episódio dessa temporada, que é cercado pelas memórias de Nick, motorista da família, e o modo pelo qual ele se tornou um “eye”.

Para Mittell (2006), as narrativas complexas funcionam como um jogo, um quebra-cabeça no qual o telespectador possui função ativa ao ser convidado a desvendá-lo. Em *“The Handmaid’s Tale”*, o recorrente uso a *flashbacks* para narrar a história e que, hora amortece a tensão e em momentos posteriores a eleva, desenvolve-se tal jogo narrativo que convida o telespectador a juntar suas peças para compreender esse novo mundo em que vivem os personagens e assim, auxilia na construção de um ambiente distópico, na medida em que situa o passado dos personagens com marcas narrativas próprias da contemporaneidade do telespectador.

Em *“Offred”*, episódio piloto da série, por meio de um *flashback* tem-se acesso ao momento em que, após a perseguição, Offred é capturada e levada para um centro de treinamento sem explicações, no qual ela assiste às considerações de Tia Lydia, uma das responsáveis pelo treinamento, que cita a gradativa mudança pela qual a sociedade passou, com elevada concentração de produtos químicos e radiação no ar, índices cada vez mais baixos das taxas de natalidade, além do que seria um comportamento impróprio de muitas mulheres, por ela adjetivadas de sujas e putas ao fazerem uso de anticoncepcionais e pílulas do dia seguinte, cometerem assassinato de bebês e praticarem orgias proporcionadas pelo *Tinder*, um aplicativo de relacionamento.

A caminho de casa após sair do salvamento, uma reunião na qual as aias julgam e punem pessoas acusadas de terem cometido crimes, ainda abalada ao saber da morte de Moira, de quem era

amiga no passado e havia reencontrado no centro de treinamento de Tia Lydia, Offred se lembra de uma vez em que a esperava para lhe contar que estava grávida, fato que é conhecido desde a cena da perseguição, na qual Offred fugia com uma criança e que se situa narrativamente como posterior à mesma. Ao chegar, Moira se desculpa pela demora, citando o *Uber* como justificativa, um aplicativo de uma empresa multinacional norte-americana na área do transporte privado urbano.

As referências na narrativa às pílulas anticoncepcionais, bem como aos aplicativos de relacionamento *Tinder* e o de transporte *Uber*, auxiliam no reconhecimento, por parte do telespectador, de um tempo narrado como passado na série que lhe é próprio, que diz respeito ao seu universo cotidiano. Como explica Moraes (2012), esses aspectos ilustram a realidade empírica do telespectador e sua ausência, ou o seu pertencimento como a um passado na série é que implica na construção do estranhamento, no estabelecimento de um novo conjunto de normas.

Assim, a noção de *novum* na série não aparece como uma invenção tecnológica, em sua versão que caracteriza as ficções científicas e narrativas distópicas em sua maioria, mas de modo geral como alteração do mundo ficcional em relação ao mundo do telespectador, operando de modo negativo, nesse caso, pelo desaparecimento e proibição de aspectos da realidade do telespectador, o que ocasiona a construção de um ambiente distópico também como definido por Berriel (2005), no sentido de uma ampliação de tendências negativas observadas no presente.

Considerações Finais

A recorrência ao universo diegético da série de TV *“The Handmaid’s Tale”* em manifestações contra

a era Trump nos EUA ilustra o reconhecimento, por parte do telespectador, de aspectos de sua realidade empírica na narrativa, ainda que de forma estranha, sob uma nova perspectiva e por vezes de forma exagerada, como é próprio da ficção. Cita-se na série elementos do cotidiano do telespectador como pertencentes ao passado dos personagens, a exemplo de citações a aplicativos de transportes, redes sociais e pílulas anticoncepcionais, proibidos em uma nova configuração de mundo, o que auxilia na construção de um ambiente narrativo distópico que se constitui pela ausência destes e logo, pela falta de liberdade.

Ainda que “*Black Mirror*” recorra em seu universo diegético a dispositivos de uma tecnologia avançada, o que permite a validade crítica a que a série se propõe é o reconhecimento, por parte do telespectador, de que tal representação não se encontra distante da realidade e que seu uso se dá de uma forma negativa. A tecnologia na série é por vezes causadora de problemas ou intensificadora de conflitos que uma promessa de solução ou melhorias, e em alguns episódios, a sugestão é pelo seu afastamento, o que se infere do nesse estudo analisado.

Assim, tanto em “*Black Mirror*” quanto em “*The Handmaid’s Tale*” há uma convergência de sentidos no que diz respeito à construção de um ambiente distópico. Na primeira, o dispositivo ao qual Liam Foxwell recorre ilustra a noção de *novum* de Moraes (2012), revelando-se como a inovação tecnológica que causa transformações na vida humana de forma negativa, como é a intenção da série por meio de seus episódios, tematizando a relação das pessoas com a tecnologia, levada a extremos de modo negativo. Em “*The Handmaid’s Tale*”, não se recorre a aparatos tecnológicos para a criação de um contexto negativo, mas também se altera negativamente o cotidiano do telespectador pela proibição ou desapare-

cimento de elementos que lhe são próprios, o que a aproxima da construção distópica de “*Black Mirror*”.

Referências

- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. In: *Revista MORUS –Utopia e Renascimento*. Campinas, n. 2, 2005, p. 4-10.
- GARCÍA, Alberto N. A Storytelling machine: the complexity and revolution of narrative television. *Forms, Strategies and Mutations of Serial Narratives*, Eds. A. Bernardelli – E. Federici – G. Rossini, *Between*, VI. 11(2016), <http://www.betweenjournal.it>
- MITTEL, J. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. *Matrizes*, ano 5, n. 2 jan./jun. 2012, p. 29-52.
- MOARES, Helvio. Uma leitura de *The Machine Stops*, a distopia tecnológica de E. M. Forster. In.: *Remate de Males*. Campinas, 2012, v. 32, n. 2, Dez. 2012, p. 250-262.
- Materiais especiais**
- OFFRED. *The Handmaid’s tale*. Direção: Reed Morano. Roteiro: Bruce Miller. Estados Unidos: Hulu, 2017.
- THE ENTIRE HISTORY OF YOU. *Black Mirror*. Direção: Otto Bathurst. Roteiro: Jesse Armstrong. Reino Unido: Channel 4/Netflix, 2011.

Notas

- 1 Trabalho apresentado no 17^a Encontro Internacional de Arte e Tecnologia - #17.ART. Brasília, de 03 a 08 de outubro de 2018.
- 2 Mestrando em Comunicação no PPGCOM – FIC/UFG. Graduado em Comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: siq.luizc@gmail.com
- 3 “O conto da aia: uma recente distopia ressonante chega à TV”. A referida tradução, assim como as demais ao longo deste trabalho, é de autoria e responsabilidade do autor do mesmo.
- 4 ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Tradução: Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.